

Prémio Nobel de Literatura

CZESLAW MILOSZ

«A sua obra justifica a mais elementar fé no poder da verdade.»

THE NEW YORK TIMES



A Minha Intenção



cavalo de ferro

ÍNDICE

I	VIAGEM AO OCIDENTE	11
II	A MINHA INTENÇÃO	43
III	ENSAIO NO QUAL O AUTOR CONFESSA QUE, À FALTA DE MELHOR, ALINHA PELO HOMEM	47
IV	BROGNART: UMA HISTÓRIA CONTADA NO CAFÉ	63
V	A IMPORTÂNCIA DE SIMONE WEIL	87
VI	CHESTOV, OU A PUREZA DO DESESPERO.....	109
VII	QUEM FUI EU?	143
VIII	A ABADESSA.....	153
IX	CONTRA A POESIA INCOMPREENSÍVEL.....	181
X	A FELICIDADE.....	203
XI	NOTAS SOBRE O EXÍLIO	213

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

Este volume, único na bibliografia de Czeslaw Milosz, foi especialmente concebido para o leitor português com o propósito de servir como uma introdução à obra ensaística daquele que é amplamente reconhecido como um dos mais extraordinários poetas e pensadores do século xx, mas, infelizmente, desde sempre afastado das nossas livrarias. O motivo desta escassez de traduções é tanto mais inexplicável se considerarmos a longevidade e notoriedade internacional da carreira de Milosz, Prémio Nobel de Literatura em 1980. Entre as suas obras mais conhecidas neste género figura *A Mente Aprisionada*, ensaio precursor na análise singular e clarividente que faz do regime comunista polaco, hoje considerado um clássico e uma obra fundamental no estudo do totalitarismo, mas que à época trouxe bastante polémica e dissabores ao autor. Contudo, a produção ensaística de Milosz está longe de se cingir a projectos cuidadosamente construídos na sua estrutura e coerência temática. Privilegiando formas mais livres, e cada vez mais breves, sobretudo nas suas obras mais tardias, o autor cultivou

igualmente o retrato biográfico, o registo diarístico, a reminiscência autobiográfica, a crítica literária ou o aforismo. Os temas são igualmente abrangentes, tendo sido contudo identificadas pelos estudiosos do autor algumas problemáticas centrais, que no seu conjunto ajudam a compor uma determinada perspectiva sobre a realidade, na raiz também da sua poesia: o significado da História; a existência do Mal; a transitoriedade da vida; a ascendência global e generalizada da visão científica do mundo em detrimento da imaginação religiosa.

Milosz foi verdadeiramente um *filho do século*, vivendo de perto as grandes transformações políticas e sociais que moldaram profundamente a geografia ocidental. Os seus primeiros escritos em prosa remontam à ocupação de Varsóvia pelas forças nazis, e um dos mais recentes, aqui reproduzido, *A Felicidade*, é de 1998. Durante este arco temporal, Milosz viveu uma situação de duplo exílio: um exílio horizontal, geográfico, que o levou a passar do regime comunista da sua Polónia, ao regime capitalista dos Estados Unidos, sem nunca se sentir comodamente em nenhum deles; e um exílio vertical, linguístico ou interior, resultado de ter sido forçado a afastar-se do seu público-leitor *natural*, o único capaz de entender completamente a subtilidade e complexidade das suas imagens. Este dilema está patente no texto *Notas sobre o Exílio*, de 1976.

Em termos gerais, na sua prosa, Milosz faz uso desta dolorosa, mas fértil, experiência histórica pessoal, transformada por vezes em meditação filosófica, da sua mestria

como narrador e contador de histórias, da sensibilidade poética e da sua concepção profundamente teológica do mundo. O resultado é um interesse pelo indivíduo, pelo acidente biográfico, capaz de recortar a paisagem do tempo e de a identificar.

Não serão de admirar portanto os inúmeros esboços autobiográficos ou biográficos de pessoas representativas na vida de Milosz e que igualmente retratam ambientes e acontecimentos históricos que o poeta testemunhou, como são o caso dos textos *Viagem ao Ocidente* ou *A Abadessa*. Por outro lado, textos como *A Importância de Simone Weil; Chestov, ou a Pureza do Desespero; Ensaio no Qual o Autor Confessa que, à Falta de Melhor, Alinha pelo Homem* representam o diálogo do escritor com ideias e autores com os quais partilha os mesmos valores, nomeadamente teológicos. Finalmente, o ensaio *Contra a Poesia Incompreensível* evidencia a posição de Milosz acerca das obrigações da poesia.

No seu conjunto, pretendeu-se dar uma amostra significativa da enorme variedade de géneros e estilos que compõem a vasta obra não-ficcional deste importante autor.

O Editor

I

VIAGEM AO OCIDENTE

Isto aconteceu em 1931. Éramos três, e, somadas, as nossas idades perfaziam sessenta anos. O Robespierre – que nós, tal como quase todos os membros do Clube dos Vagabundos, reconhecíamos tacitamente como líder – seguia na frente, os braços a andarem à roda como moinhos, o corpo sinuoso e musculado inclinado para diante, por causa do peso da mochila. Mas nunca se deixava vencer pela fadiga e, para nos mostrar que a desprezava, convertera-se numa máquina de devorar quilómetros. O seu rosto severo e de nariz aquilino assemelhava-se aos rostos dos monges das antigas xilogravuras alemãs. Já o Elefante gingava como um pato alto e gordo. Só pelo tacto, eu teria sido capaz de o reconhecer no escuro. Dava gosto agarrá-lo e beliscar-lhe o corpanzil desajeitado, e o seu cabelo preto encaracolado era fácil de puxar quando nos engalfinhávamos nos corredores da escola – porque a nossa amizade recuava até esses anos. Ele tinha a delicadeza e a solícitude de um *yiddische mammeh* – possivelmente, herdara-as da mãe judia. Estava a tentar ter uma barba e encorajava-a a crescer afagando-a muitas

vezes. E outra coisa: as calças descaíam-lhe constantemente. O Robespierre e eu até costumávamos dizer que era Deus quem lhas segurava na cintura. No máximo, eu aparentava quinze anos e as minhas bochechas de bebê eram, para mim, um tremendo motivo de embaraço.

Nós os três representávamos outros tantos tipos de humor. O Robespierre era seco e sarcástico. O Elefante era irônico, mas brando. E eu era o ruidoso. O humor dava-nos jeito quando queríamos fazer pouco dos que não andavam a pé, porque achávamos isso muito desonesto. Se um carro (e não havia muitos na nossa região) passava por nós e levantava uma nuvem de poeira, ficávamos cá atrás a amaldiçoá-lo em versão cantada, a desejarmos-lhe um acidente para tão breve quanto possível («E estampou-se, oh!, o carro orgulhoso» era o refrão).

Mas em Junho de 1931, depois dos exames de Direito no fim do primeiro semestre, quisemos conhecer outros lugares que não a nossa região e lá tivemos de usar também um meio de locomoção desonesto: o comboio. O plano era apanharmos um de Vilnius para Praga; lá, compraríamos uma canoa canadiana em segunda mão (porque, na Checoslováquia, os artigos de desporto custavam metade do que custavam na Polónia), depois iríamos para Lindau, na Baviera, pelo lago de Constança, e, de lá, remariamos pelo Reno e seus afluentes abaixo, até chegarmos tão perto quanto possível de Paris – queríamos ir ver a Exposição Colonial, que então lá tinha lugar. Se engendrâramos semelhante plano, a culpa era do nosso

amor pelos mapas. Ainda assim, aposto que Vasco da Gama, antes de começar a sua viagem à Índia, já sabia mais sobre os mares que ainda iria cruzar do que nós sabíamos sobre a nossa rota.

A primeira variedade de pequena cidade ao estilo europeu ocidental que visitámos foi Litomyšl, na Checoslováquia, onde fomos recebidos por um simpático retroseiro que conhecemos por acaso. No lado ocidental da Polónia, eu teria encontrado pequenas cidades como aquela, mas no lado de leste, de onde eu era, tais aglomerados de casas e de ruas tendiam a mais não ser do que «entrepósitos comerciais» de herdades e de aldeolas onde o comércio estava inteiramente nas mãos de judeus à antiga. Com os pavimentos em mau estado, sujos e poeirentos, com palha e estrume por todo o lado, tais lugarejos eram olhados com desprezo pelos habitantes de cidades maiores ou de zonas rurais. A minha admiração pelo asseio checo e pelo nível de vida do nosso amigo retroseiro é um bom exemplo do complexo de inferioridade dos habitantes do Leste em relação ao Ocidente. Não tem a mesma intensidade em toda a parte, claro. Lembrar-me-ia de Litomyšl em 1940, num comboio russo, quando, fingindo dormir, fiquei a ouvir a conversa de dois comissários do povo a respeito do território que a União Soviética adquirira na sequência do pacto germano-soviético. Estavam a falar de lugarejos muito pobres, mas pareciam duas Alices no País das Maravilhas, embora o seu maravilhamento nada tivesse de amistoso. Ouvi-lhes inveja e raiva na voz, isso sim.

Praga, a primeira capital europeia ocidental que conheci, inebriou-nos com a sua atmosfera efervescente de riso e de música, com as suas tabernas nas ruazinhas estreitas na colina de Hradčany, por onde se chegava ao Castelo de Praga, e com as suas multidões calçadas com sapatilhas *Bata*, a passearem pela cidade ao domingo, a andarem a pé ou de bicicleta ou então a jogarem à bola ou a lançarem o dardo ou o disco. Foi o meu primeiro contacto com uma multidão moderna. Por todo o lado, cartazes anunciavam *Caminheiros e Amantes* — nem cheguei a perceber se era um filme ou uma peça de teatro; por outras palavras, o turismo enquanto desporto (ainda não motorizado) já era parte da cultura de massas.

Estive duas semanas na Checoslováquia. O Robespierre e o Elefante seguiram caminho, queriam passar a pé os Alpes Bávaros, e eu fiquei para trás para tratar da compra e do transporte da canoa que testáramos no rio Vltava. Nos parques públicos de Praga, vi-me assaltado por uma fome que já conhecia. É um sentimento que podemos comparar à fome física, com a diferença de que esta outra fome é insaciável. Nos caminhos orlados de árvores, ouvi a gravilha debaixo dos meus pés; fui passando por casais aos beijos; por entre a folhagem, ouvia-se música e susurros — era como um desfile de Carnaval, uma massa humana que se agarrava e se debatia. E eu ali, exterior a tudo aquilo, mas, ao mesmo tempo, ávido por ser também parte daquela realidade, queria devorá-los inteiros,

a todos, sem exceção. Estivesse eu sentado num banco com uma rapariga, teria sido mais um entre eles, mas isso apenas me teria servido para enganar aquela minha fome. A minha timidez impelia-me para a solidão, mas era mais do que isso. O meu desejo erótico ia além de um objecto em concreto, a minha pansexualidade abarcava o mundo inteiro e, não sendo eu um deus ou um ogre capazes de engolir o mundo, de o lamber, de o trincar, apenas podia abraçá-lo com o olhar. Enfim; como qualquer outra fome, também esta não cabe nas palavras.

(Na altura, jamais teria imaginado como iria ser a minha segunda visita a Praga, mas era algo de predestinado, já estava à espera no interior daquela muralha. A passagem do tempo, os amores – nada me abrandou na busca do meu objectivo, desde que me imaginara um devorador pansexual num banquete fora do meu alcance. O meu avião vindo de Londres aterrou num aeroporto vazio e completamente branco. Nevava. Estava-se em Dezembro de 1950. Apareceu um tipo enorme e com cara de bandido, vestido com o uniforme da polícia checa, que pediu para ver os passaportes. A zona das chegadas estava vazia. Ouvia o ecoar dos meus passos. A um canto, um punhado de homens vestidos com fatos escuros e de mau corte iam sussurrando entre si – pareciam uma delegação a aguardar a chegada de um dignitário qualquer. Para lá da entrada da zona das chegadas, três carros cobertos de neve e uma praça enfadonhamente deserta. Apanhei um táxi. A tribo dos taxistas parece ter o dom de adivinhar

com quem pode ou não falar sem reservas; durante meia hora, o meu taxista não se calou com os lamentos e as críticas que os tinham a «eles» como alvos. Ouvi-o sem dizer uma palavra. Em Praga, apanhei o comboio para Varsóvia, onde um corpulento Robespierre era agora um burocrata estalinista de alta patente. No crepúsculo, as ruas eram cinzentas. No alto de um edifício que se erguia acima de toda a cidade brilhava uma grande estrela vermelha. Os transeuntes iam andando num passo apressado e de olhos no chão.)

Verão. A caminho da Baviera, desci do comboio em Plzeň. Para matar uma fome que está para lá do físico, nada como uma boa caminhada. Por isso, fui andando, comprando tão-só um pão e uma salsicha de passagem por alguma aldeia. Como tinha pouco dinheiro, não comia nos restaurantes; permitia-me apenas beber uma cerveja. Dessa caminhada, recordo a estrada branca, a boca a saber-me a poeira, os quilómetros que andei, a quinta onde ainda dei uma ajuda e uma simpática rapariga que lá havia, a quem faltavam alguns dentes. Depois, o comboio, novamente, e uma impressão de estranheza ao passar a fronteira alemã – à minha volta, todos falavam uma língua que me era desconhecida. Furioso comigo mesmo, obriguei-me a entrar no vagão-restaurante – foi a primeira vez na minha vida. E, lá, foi-me dado ver um espectáculo para o qual ainda hoje tenho dificuldade em conceber uma explicação. Ao meu lado estava sentado um homem magro e ossudo; parecia um oficial à paisana.

Pedi um bife e, com um ar absorto, atou o guardanapo ao pescoço; depois, sem tirar os olhos do prato, esfregou as mãos. Mais do que comer, pode dizer-se que tragou o bife; e, ainda a mastigar ruidosamente e a resmungar de satisfação para consigo, pediu outro de seguida. E repetiu-se o ritual: o esfregar das mãos, a contemplação extática do prato, em antecipação das suas delícias, e o devorar da comida. O mais surpreendente era que ele não comia mais devagar a cada novo bife que lhe era trazido. Quem era? De onde vinha? Não sei porquê, dava ideia de que estava de regresso das trincheiras, ou então de um campo de prisioneiros ainda da última guerra, ou então que passara esses treze anos congelado num bloco de gelo algures.

Cheguei a Lindau às quatro da manhã. Caía uma chuva fina e os barcos amarrados no cais junto à estação baloiçavam ao sabor da ondulação, os mastros a tocarem-se porque o lago estava agitado. Ali parado à beira da água, a ser salpicado pelas ondas, não conseguia ver os Alpes do lado de lá. As formas que divisava, e até a sensação do ar – tudo era novo e motivo de assombro para mim. O que em seguida fiz revela que eu era um perfeito selvagem: ajustei as alças da mochila e segui pelas ruas vazias – ouviam-se apenas os cascos de um cavalo que puxava uma carroça do leite a matraquearem o asfalto. O meu destino: um «lugar seguro», ou seja, a floresta. Passei muito tempo a abrir caminho pelo meio do arvoredo na encosta, até encontrar um lugar tão afastado do caminho quanto possível. Cortei alguns ramos, fiz a minha cama

debaixo de um abeto cuja folhagem quase rasava o chão e embrulhei-me numa manta. Ali num país estrangeiro, podia agora dormir como se estivesse em minha casa.

O reencontro com o Robespierre e com o Elefante foi à tarde. Já com os pés doridos de molho, narraram-me as suas aventuras. Resolvemos passar a noite num *Deutsche Jugendherberge*¹ e, de manhã, demos início à nossa viagem. Havia que levar o plano a bom termo; esperar que o tempo melhorasse teria sido uma indignidade. Fomos à estação levantar a nossa canoa canadiana, levámo-la até ao lago e, embora nos alarmasse o que víamos, cada um quis mostrar-se valente perante os outros. Já se juntara um grupo ali no cais; estavam de olhos pregados em nós, os malucos. Imagino que até já estivessem a fazer apostas: *eles vão desistir ou não?* Vento, chuva e ondas a acometerem contra o cimento. Remámos desesperadamente durante um quarto de hora, mas mal saímos do sítio, a canoa num sobe-e-desce tal que mais parecia uma rolha a flutuar. Por fim, o cais começou a afastar-se. O Elefante, que estava sentado no lugar do meio, tiritava do frio e da chuva que o ia ensopando. E foi este o começo da nossa viagem. Nada de particularmente encantador. Acontece que estávamos com pressa. No mapa, dividíramos o nosso percurso em segmentos e a cada um correspondia uma data. O plano era, ao final do dia, estarmos do outro lado do lago, em Constança.

1 Uma pousada da juventude. [N. T.]

As ruelas estreitas das pequenas vilas à beira do lago, o asfalto, toda aquela quietude e asseio, o avental verde do empregado na taberna, as crianças de impermeável vestido, o saco das compras de padrão axadrezado de uma *Frau* que passou na rua – tudo me parecia majestoso e onírico. Cheguei a acreditar que todos quantos habitavam aquele mundo ordeiro e abastado estariam, certamente, num plano espiritual acima daquele em que se encontrava o resto da Humanidade, que era um pouco mais encardida, mais impulsiva e mais fácil de decifrar; decerto aquela gente ali conhecia o amor numa versão mais sublime e as suas conversas seriam também de natureza mais elevada. Uma bosta de cavalo em plena rua arrancou-me esta exclamação mental: *Olha, aqui também as têm!* Não foi fácil convencer-me a aceitar que ali, na falda dos Alpes (que romântico!), uma onda obedecia às mesmas leis que qualquer outra onda em qualquer outra parte do mundo e que os esforços do remador para que a sua embarcação cortasse as águas teriam ali o mesmo resultado que em qualquer outro lugar.

Passámos por Friedrichshafen, a base de hidroaviões. Mais para a tardinha, as águas do lago aquietaram; veio o anoitecer, mas nós continuámos a remar, e, por fim, já remávamos no escuro. Um barco que vinha na direcção contrária poderia ter-nos abalroado, mas não, passou por nós, as luzes da cabina a brilhar no escuro. Estávamos prestes a concretizar o nosso objectivo. Aliviados, ouvimos a ondulação a embater suavemente num longo passadiço;

e ali estava a cidade de Constança. As nossas botas iam fazendo barulho no empedrado da praça, até que nos vimos perante uma igreja que ficara para a História – diante dos nossos olhos, erguia-se a magnífica construção de madeira que albergara o Concílio de Constança entre 1414 e 1418. Por fim, tínhamos ali outro elo com a Europa Ocidental que não o dos elementos naturais, que são iguais em todo o lado. Bastava-nos recordar os tempos de escola e as páginas do manual sobre o Concílio de Constança, que condenara Jan Hus pelas suas ideias reformadoras.

Nos dias seguintes, a nossa viagem levou-nos de deleite em deleite. O lago foi estreitando até formar um curso onde a água quase transbordava do leito – era já a força da corrente do Reno. A cada impulso dos remos, a canoa quase subia no ar. E a alegria física que sentíamos em nada foi afectada pela chuva quase ininterrupta. A dada altura, o Reno já nos arrastava a uma velocidade tal que apenas tínhamos de ir orientando a canoa. Os avisos iam sendo incessantemente transmitidos da proa para a popa – de cada vez que era avistada uma pedra ou um coto de árvore. Mas a nossa alegria não era apenas física. Cada curva no rio escondia um segredo que, ao revelar-se, nos deixava sem fôlego. Mais do que em qualquer outra parte, ali, sim, dir-se-ia que estávamos num reino encantado. Das margens inclinadas pendiam ramos que quase tocavam nas águas esverdeadas, formando grutas artificiais onde decerto se esconderiam ninfas. Aqueles

ramos poderiam ter servido de esconderijo aos guerreiros Delawares dos romances de Fenimore Cooper. E, mais acima, vinhas e castelos. Os nossos olhares eram tanto mais ávidos porque apenas podíamos ver de fugida toda aquela paisagem luxuriante, ao limparmos a transpiração do rosto. Por vezes, se o rio se mostrava menos traiçoeiro e não nos exigia tanta atenção, descansávamos os remos nos joelhos, porque sabíamos que a ocasião era única; não mais tornaríamos a ver um tal esplendor passar-nos diante dos olhos.

Seguimos velozmente por baixo de pontes de madeira que mais pareciam túneis sobre pilares. Aquele era um mundo igual ao das gravações antigas que eu adorava ver em pequeno. A paixão pela descoberta ia-nos impelindo, e, se a corrente continuasse a ajudar-nos, estávamos até dispostos a adiar o momento em que teríamos de arranjar sítio onde passar a noite. A dada altura, a corrente era tal que demos por nós a avançar à velocidade de um comboio expresso. Começava a surgir uma vaga inquietação, algo nos sussurrava que talvez fosse melhor pensarmos no que estava a acontecer. Há muito que a cascata de Schaffhausen era descrita como uma maravilha da natureza e o meu avô, tal como tantos outros turistas, decerto a visitara – o meu avô que morrera num desastre de comboio perto de Baden-Baden, deixando o seu álbum de gravações na casa onde eu nasci, na Lituânia. Os nossos reflexos ainda funcionaram a tempo; parámos a menos de duzentos metros daquele abismo que

ia sugando uma coluna branca feita de água e de espuma. Ali em Schaffhausen não havia nenhuma das *Deutsche Jugendherberge* que tão em conta ficavam, por isso passámos a noite embrulhados nas mantas de retalhos do abrigo do Exército da Salvação ali da zona. De manhã, alugámos um automóvel e, levando a canoa, contornámos aquela versão europeia das cataratas do Niágara.

Esperava-nos uma catástrofe. Perto de Coblença, na Suíça, o Reno tinha uns quantos quilómetros de rápidos e é preciso conhecer bem aquela corrente. Mas nem isso serve de grande ajuda e é frequente as coisas correrem mal. Há, inclusivamente, uma patrulha de polícia na margem alemã do rio, destacada especialmente para tirar da água aqueles cuja embarcação tiver virado. Mas ficámos a saber tudo isto já tarde demais. O Robespierre estava encarregado de nos ir guiando pelo Reno, mas os obstáculos não o assustavam, por isso mal olhava para o mapa. Não nos lembrámos de atar as mochilas. Naquelas águas tão agitadas e tão cheias de espuma, não servia de muito mantermo-nos em constante estado de alerta, porque tão-pouco poderíamos remar contra a corrente. Sem darmos por isso, batemos numa pedra submersa que abriu um rombo do tamanho de um punho cerrado no fundo da nossa canoa. Ou talvez tenha sido um remendo que não resistiu – não esqueçamos que a canoa fora comprada em segunda mão. Qualquer que seja a explicação, o caso é que eu não percebia porque se

levantara tanto a proa, ia subindo cada vez mais, até que fui cuspidor de borda, de cabeça, como um sapo. O mundo ficou do avesso. Ia cuspidor água e os movimentos organizaram-se em duas famílias, segundo dois sistemas: por um lado, as cabeças dos meus dois companheiros iam-se afastando uma da outra, enquanto o fundo verde da canoa se afastava de ambos; por outro, a margem do rio surgia a espaços pelas minhas costas. Esse momento em que nos vimos atirados para um outro universo, diferente daquele onde estivéramos até há um segundo, trouxe uma nitidez absoluta a toda a realidade física. Na altura, eu não era grande nadador, mas ajudou-me uma força de vontade quase religiosa, isto a par com o meu espanto por me ver ali no meio do Reno, eu, o mesmo de há pouco. Tentei agarrar-me à vegetação na margem, mas via-me apanhado nos redemoinhos de água, que não me queriam deixar fugir, e, comigo a lutar contra a corrente, eles agigantaram-se ali na margem como catedrais.

Em Waldshut, depois de vestirmos os fatos de treino que nos emprestaram os polícias alemães que patrulhavam o rio, fizemos o patético relato da nossa situação. Os alemães tinham resgatado a nossa canoa das águas do Reno poucos quilómetros adiante de onde fôramos borda fora. Também tinham conseguido recuperar duas mochilas – mas não aquela onde trazíamos os passaportes e o dinheiro. Seria aquilo o fim da nossa viagem? Nem pensar. Antes de mais, teríamos de ir ao consulado mais próximo

pedir novos passaportes; depois, logo se veria. Os policiais eram simpáticos e generosos, e emprestaram-nos alguns marcos para a viagem até Zurique. Depois de uma noite bem dormida e de nos aquecermos com o café que nos serviram os nossos anfitriões, fomos de *ferryboat* até à Suíça, onde o compartimento de um comboio rápido (não muito diferente do interior de um eléctrico) nos deixou mais impressionados do que a catarata de Schaffhausen.

No consulado, a nossa história foi ouvida com algum cepticismo. Prometeram-nos resposta dali a alguns dias, desde que fossem verificados os factos por telegrama. Entretanto, tínhamos os estômagos a roncar. No parque, sentámo-nos num banco, procurámos moedas nos bolsos e contámos quanto tínhamos. Chegava para um queijo – a comida mais barata que por ali havia. Com um canivete, dividimo-lo em porções, racionando-o segundo os dias que teríamos de esperar. Adicionalmente, fizemos uma importante descoberta: nas fontes que havia nas praças, a água que brotava das mandíbulas de animais de bronze sabia deliciosamente. Canecas de peltre penduradas de correntes convidavam quem passava a beber.

A noite que passámos no abrigo do Exército de Salvação acabou mal. Acordei de madrugada com alguém a bater-me no pé; era um polícia gordo, que, ali parado aos pés da cama, me pediu os documentos. Seguiram-se algumas horas de detenção, até que saímos em liberdade depois de um telefonema do consulado, mas, entretanto,

perdêramos a confiança naquele país tão ordeiro. A nossa decisão – logo no dia seguinte – de deixarmos aquela cidade foi a prova de que não entendíamos o conceito de civilização. Lago afora, por alguns quilómetros de margem, não se viam senão casas particulares, com os seus jardins privados e os seus ancoradouros privados; mas, para nós, um lago continuava a ser sinónimo de natureza. Enfraquecidos da fome, íamos alternando entre os ataques de riso e os ataques de fúria. Só a gente mais repulsiva seria capaz de se fechar numa casa inteira só para si, de se muralhar e de dizer: «Isto é meu.» Ali, convencemo-nos de que a propriedade privada é um flagelo que castiga aqueles a quem exclui. Então, fomos para as montanhas, e, durante os dias que se seguiram, ao fim da tarde regressávamos sempre à mesma clareira na floresta. De manhã, o frio gelava-nos, mas, por entre o nevoeiro, ouviam-se os chocalhos das vacas, por isso tínhamos medo de acender uma fogueira, não fosse aparecer um homem a brandir um cajado e a gritar: «Isto é meu!» De onde vínhamos, pouco importava quem era o dono da floresta. Lá, as florestas eram para os animais, para os caçadores e para os vagabundos.

Por fim, o consulado lá nos deu novos passaportes e foi-nos também emprestado algum dinheiro, que nos permitiria chegar ao consulado seguinte, já em França, em Estrasburgo – porque não queríamos deixar de visitar Paris. E lá partimos nós de regresso a Waldshut. Mas, uma vez lá, fomos informados de que a canoa levaria algum

tempo a ser reparada — e depois ainda teríamos de a vender. Por outro lado, se usássemos o dinheiro que agora trazíamos nos bolsos para pagar aos polícias o que nos tinham emprestado, não sobraria nada para o resto da viagem. Fugimos ao amanhecer, dizendo adeus à nossa canoa, que deixámos à porta da esquadra a título de pagamento. O novo plano envolvia a travessia a pé da Floresta Negra até Basileia.

Pelas encostas, a vegetação rasteira dava-nos pelos joelhos. Os abetos juntavam-se em grandes massas escuras. Íamos subindo sem parar, até que deparámos com uma vista do vale, com um campanário a erguer-se lá ao meio. A nossa disposição era excelente e, durante toda a caminhada, houve piadas e cantoria a rodos. Na tarde do terceiro dia, depois de quase cem quilómetros por trilhos de montanha, chegámos a Basileia.

E ali começámos a conhecer a Europa Ocidental — e logo pelo seu centro, pois sem dúvida as margens do Reno superior são isso mesmo. Havia construções de madeira que já ali se erguiam desde a Idade Média; havia a estalagem Zum Wilden Mann, com o seu exterior decorado com esculturas pintadas; havia os inúmeros beirais salientes; e havia os ferreiros com os seus aventais de couro, quais gnomos saídos de contos de fadas.

Não éramos os únicos a dar valor a tudo aquilo. Na altura, a geração alemã mais jovem estava já em marcha, já a perverter a sua ligação ao passado, a reduzi-la a um mito territorial e sangrento. Poder-se-ia chamar, a essa

era, a dos *Wandervögel*². Estavam por todo o lado, aos pares e aos trios, a pé ou de bicicleta. Juntavam-se em grupos à porta das *Deutsche Jugendherberge* e cantavam. Havia sempre um que fazia de maestro. As nossas tentativas de travar conhecimento com eles fracassaram. Eram ostensivamente educados e mostravam-se ostensivamente calmos, mas, ao mesmo tempo, revelavam desprezo e hostilidade para com os estrangeiros. Embrulhados em cobertores no dormitório, ficámos a ouvir-lhes a respiração enquanto dormiam. O que ali estava, naquelas camas, era o futuro. Hoje, ocorre-me que logo ao lado do Elefante poderá ter estado o oficial da Gestapo que mais tarde o torturou durante um interrogatório. O Elefante não tinha estofa para estar preso por pertencer a uma organização clandestina ou para aguentar enquanto lhe torciam os braços e lhe batiam na cara, ou, por fim, com a réstia de consciência que conservara depois de partir as pernas ao tentar o suicídio atirando-se de uma janela, para compreender, com alívio, que o seu pobre corpo estava a morrer. Aliás, alguém teria estofa para algo assim? Mas o sempre alegre Elefante nascera para uma vida de riso brando e de conversa entre amigos por entre copos de vinho. Era um liberal e um céptico, e as tentações do heroísmo não o seduziam. A sua morte, e

² Movimento surgido entre a juventude alemã em 1896. Pretendia-se a libertação das amarras da sociedade e um regresso à natureza e à liberdade. Começou por ser uma espécie de movimento escutista, mas depressa ganhou contornos nacionalistas, enfatizando as raízes teutónicas da Alemanha. Um quarto de século depois, os nacional-socialistas aproveitaram alguns dos métodos e dos símbolos do Movimento Juvenil Germânico (que juntava os *Wandervögel* e vários grupos de escuteiros), incorporando-os na Juventude Hitleriana. [N. T.]

Os ensaios coligidos em *A Minha Intenção* são uma rica amostra da produção ensaística daquele que é um dos maiores poetas e escritores do século xx. Estes textos percorrem uma parte substancial da sua bibliografia, desde os anos cinquenta até praticamente à sua morte, revelando a enorme diversidade de temas e de géneros de que este extraordinário autor se serviu para descrever a sua particular visão do mundo.

Desde a natureza do que é ser europeu até reflexões profundas sobre religião, filosofia e política, Milosz empresta a cada linha destes ensaios uma análise incisiva e pessoal. A evolução do seu estilo, erudito mas aberto, e da sua personalidade, vincada e idiossincrática, transparecem aqui como talvez em mais nenhuma da suas obras.

Nesta selecção única e inédita, o autor sardónico e mordaz da crítica à sedução do comunismo é também o autor deslumbrado e lírico que conta as suas primeiras viagens pela Europa. O loquaz comentador da identidade polaca e dos seus complexos é também o contido crítico literário. O filósofo é também o biógrafo.

**«Milosz experienciou todos os infernos que
o século xx foi capaz de produzir, mas também,
por vezes, viveu o paraíso. E, como Dante,
capturou-os para nós.»**

THE SUNDAY TIMES

ISBN 978-989-623-272-6
9 789896 232726



cavalo de ferro